

CONTRIBUIÇÕES SOBRE A RELAÇÃO JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO NAS EDIÇÕES DA ANPED SUL (1998-2014) - UM ESTADO DA ARTE

Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer¹

RESUMO

O presente artigo compõe parte das reflexões associadas a uma pesquisa em fase de desenvolvimento, nível de mestrado, cujo objeto de investigação são os jovens estudantes do Ensino Médio. Tal estudo tem por objetivo apresentar as contribuições sobre a relação Juventude e Ensino Médio nas edições da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED SUL – as quais foram possíveis por meio do recurso ao estado da arte como perspectiva metodológica, segundo as referências de Ferreira. O estudo em questão mapeou os trabalhos apresentados nas dez edições realizadas entre os anos de 1998 e de 2014. Foram localizados dezenove relatos nos Grupos de Trabalho presentes nas edições, recorrendo aos descritores “jovens”, “juventude” e “Ensino Médio”. A análise dos dados buscou suporte nas produções de Sposito, Dayrell, Carrano e Pais, bem como nos autores dos trabalhos apresentados no evento. Os resultados da busca indicam as dificuldades dos jovens em dialogar com todos aqueles que participam do processo educativo e a relevância dada por algumas instituições escolares a conteúdos excessivos, avaliações, aprovações e reprovações, durante suas transições no Ensino Médio, em detrimento à consideração do jovem como sujeito sociocultural e os sentidos que os mesmos atribuem à experiência escolar.

Palavras-chave: Juventude. Ensino Médio. ANPED SUL.

ABSTRACT

This paper is part of some reflections associated with an ongoing Master's degree research, whose object of study are the young High School students. This study aims to present contributions about the relation between young people and High School, regarding the issues of the National Graduate Studies and Research in the Southern Region Education Association - ANPED SUL- which were made possible through the use of the State of the Art as a methodological perspective, according to Ferreira's references. The aforementioned study has mapped the works presented in the ten editions held between 1998 and 2014. Nineteen reports were found in the Working Groups presented in these editions, using the descriptors “Young”, “Youth” and “High School”. Data analysis sought support in Sposito's, Dayrell's, Carrano's and Pais's productions, as well as the authors of the papers presented at the event. The results indicate the difficulties young people find in trying to dialogue with all those who participate in the educational process. They also show the importance given by some educational institutions to excessive knowledge, assessments and evaluations, the student succeeding or failing a course, during their transitions in High School.

¹ Pedagoga no IFRS- Instituto federal de Educação, Ciência e tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Caxias do Sul. E-mail: camila.pellizzer@caxias.ifrs.edu.br

These aspects are prioritized over the consideration of the young person as a sociocultural subject and the way that they attribute to the school experience.

Keywords: Youth. High School. ANPED SUL.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo através do estado da arte, realizado com o objetivo de compreender como as produções acadêmicas da área da Educação têm abordado a temática sobre Juventude e Ensino Médio, a partir de artigos publicados entre 1998 e 2014, nas edições da ANPED SUL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação da Região Sul, evento referência na divulgação de resultados de pesquisas realizadas em Programas de Pós-Graduação da Região Sul do País.

A produção do conhecimento na área de Educação, no Brasil, vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas, através das teses e dissertações disponibilizadas no Portal da CAPES, trabalhos apresentados e publicados em anais de congressos, artigos em periódicos, e demais textos, capítulos de livros ou em livros.

A análise da produção acadêmica sobre determinado tema ou área possibilita a observação de quais são os objetivos de interesse, os referenciais teóricos que dão suporte e as metodologias mais recorrentes.

Ao mesmo tempo, contribui para novas produções acadêmicas e indica quais tendências e lacunas estão presentes nesses achados, denominados estado do conhecimento ou estado da arte.

Através do estado da arte é possível delimitar a temática que se busca, os descritores num recorte temporal e numa determinada área de conhecimento, identificando os principais resultados. Segundo Ferreira (2002), as pesquisas do tipo estado da arte também são reconhecidas por serem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que se busca investigar, à luz de categorias que se caracterizam enquanto tais, em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

2 MÚLTIPLOS OLHARES PARA AS JUVENTUDES E ENSINO MÉDIO

Em relação às produções acadêmicas em nível nacional, associando as temáticas Juventude e Ensino Médio, é possível citar, como umas das importantes referências, os estudos do sociólogo Juarez Tarcísio Dayrell, que vem contribuindo com diversas abordagens em relação aos jovens estudantes, a exemplo dos sentidos atribuídos por esses jovens à escola, à participação juvenil em diferentes contextos socioculturais e à construção de projetos pedagógicos que efetivamente respondam aos seus anseios.

Dayrell (2007) relata que, na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços, que constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela. Gomes et. al. (2012, p. 61) num estudo apresentado sobre Juventudes no IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico intitulado “Juventude: se correr o bicho pega...” afirmam que:

[...] a juventude, sem crenças românticas, nos obriga a olhar muito além dos horizontes. Os desafios são cruciais. A escola para todos em grande parte se concretizou, mas o seu coração está cheio de contradições, internas e externas, num fluxo incessante em que, resolvidas certas contradições, emergem outras.

A cooperação científica entre Marília Sposito, Juarez Dayrell e Paulo Carrano resultou na publicação “O Estado da Arte sobre juventude na Pós-Graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)”², baseada na pesquisa do tipo estado da arte, publicada no ano de 2009. Segundo afirmam Juarez Dayrell e Paulo Carrano,:

Os objetivos dessa parceria entre os referidos Observatórios e o MEC estão relacionados com a busca do diálogo

² Segundo Estado da Arte sobre esta temática, o primeiro foi em 1998, também organizado por Marília Sposito.

entre as temáticas do Ensino Médio e juventude por meio do levantamento, da sistematização e da divulgação da produção acadêmica destas áreas. E [...] fomentar o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e outros atores envolvidos nos processos de educação e de produção de conhecimentos relacionados com os jovens alunos do Ensino Médio. (2009, p. 8).

Além disso, os estudos apresentados por Sposito, Dayrell e Carrano sinalizam as diferentes áreas que consideram as juventudes como objeto de estudo e vêm se afirmando por diferentes cenários³ educacionais, tornando-se referências teóricas para diferentes pesquisadores. Sobre o Ensino Médio, podemos lembrar o quanto essa etapa final da Educação Básica vem sendo discutida em relação às suas políticas públicas e à devida atenção no âmbito da Educação Brasileira. Dayrell e Carrano destacam essa importância:

Um bom ponto de partida é nos remetermos às novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio que apontam para a centralidade dos jovens estudantes como sujeitos do processo educativo. No parecer do Conselho Nacional de Educação que a fundamenta, fica explícita a necessidade de uma “reinvenção” da escola de tal forma a garantir o que propõem os artigos III e VII. O primeiro trata do “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. O segundo discorre sobre “o reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes”. (2014, p. 103).

O crescimento nas produções acadêmicas sobre Juventudes e Políticas Públicas para o Ensino Médio chama atenção para fenômenos que vêm ocorrendo nas instituições escolares. Krawczyk (2014) cita a falta de interesse por parte dos jovens, os altos índices de evasão e o fracasso escolar, a perda da identidade, quando na verdade, o Ensino Médio nunca teve uma identidade muito clara.

O Ensino Médio, como etapa conclusiva da educação básica, considerada dos 4 aos 17 anos, só foi efetivamente reconhecido a partir da Emenda Constitucional nº 59 de 2009, e incluído no texto da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em abril de 2013. (MOLL; GARCIA, 2014, p.07).

Portanto, é absolutamente recente seu reconhecimento como direito a ser garantido aos jovens brasileiros, também as recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio explicitam a necessidade de avançarmos na perspectiva de uma educação emancipadora e que, portanto, deve contemplar todas as dimensões da formação humana.

3 O BINÔMIO “JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO” NAS PRODUÇÕES DA ANPED SUL

Os pesquisadores na área da Educação, sejam eles docentes ou discentes em nível de Pós-Graduação *stricto sensu* relacionadas às temáticas Juventude e Ensino Médio, apresentaram, em todas as edições da ANPED SUL (1998-2014), abordagens, conceitos e direcionamentos diversos em seus objetos de pesquisa.

Para o desenvolvimento do estado da arte, do qual trata este artigo, os trabalhos foram selecionados a partir das informações contidas no Portal da ANPED SUL, evento escolhido pelo fato de consolidar dados da região, que tem como finalidade principal constituir-se em um

³Refere-se a diferentes realidades que constituem as escolas em âmbito nacional.

espaço para a discussão e problematização das pesquisas produzidas no âmbito dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) da Região Sul do Brasil.

Conforme dados no portal, os Seminários de Pesquisa em Educação da Região Sul ocorreram em diferentes localidades. Em uma consulta inicial no portal da ANPED, num primeiro momento, a busca foi realizada a partir dos descritores Juventude e Ensino Médio, sendo identificadas cento e doze produções de conhecimento. Num segundo momento, outro descritor palavra-chave foi inserido, a exemplo de Jovens, por considerar que poderia anunciar artigos com as mesmas categorias, porém, com enfoques diferentes. No total, foram encontradas 132 produções, sendo que apenas 13 delas associavam as palavras Ensino Médio e Jovens.

Dentre o total dos trabalhos localizados, 19 indicavam os descritores Juventude, Jovens e Ensino Médio. A Tabela 1 apresenta um panorama da busca realizada no portal da ANPED SUL:

Na tabela acima é possível visualizar o crescimento significativo em relação às produções científicas relacionadas às Juventudes e ao Ensino Médio, nos dezessete anos de existência da ANPED

SUL. Verifica-se que, até 2002, não há produções voltadas para associação de ambos os descritores. A partir do ano de 2004, inicia-se um olhar mais direcionado às pesquisas para os jovens dentro das instituições escolares, aos processos educativos, às relações construídas e às avaliações de novas políticas públicas, as quais começam a surgir com maior ênfase no cenário educacional da época.

Após a leitura dos resumos dos 19 artigos encontrados, foi possível identificar diferentes abordagens em relação aos jovens, sendo que seis artigos traziam estudos apenas sobre políticas públicas no Ensino Médio, quatro artigos retratavam os jovens fora do ambiente escolar e os outros nove trabalhos associavam o binômio Juventude com o Ensino Médio.

O aumento de produções de conhecimento, ilustrados na Tabela 1, pode estar ligado às necessidades que surgiram nas últimas décadas pelas políticas públicas para o Ensino Médio e políticas para as Juventudes.

Tal surgimento e crescimento nos estudos acerca dos jovens em seus diferentes territórios, e consequentemente na criação de políticas públicas voltadas para eles, possibilita alternativas de

Tabela 1 – Panorama geral dos trabalhos sobre juventude e ensino médio na ANPED SUL

Edições ANPED	Juventude	Ensino Médio	Jovens	Ambas as palavras Juventude e Ensino Médio
				Jovens e Ensino Médio
1998	- - - -	2	1	- - - -
1999	- - - -	3	2	- - - -
2000	- - - -	4	6	- - - -
2002	2	8	9	- - - -
2004	2	16	12	1
2006	4	9	16	3
2008	4	11	21	3
2010	4	11	27	4
2012	1	19	22	3
2014	1	17	16	5
2000	18	100	132	19

*Total Geral de trabalhos encontrados: 212 trabalhos

pensar num currículo mais atrativo e de sentido nas instituições de Ensino Médio. As autoras Moll e Garcia apresentam suas percepções em seus estudos:

Diante disso, entendemos não serem possíveis saídas simples, receitas, roteiros predeterminados, que novamente engessem as escolas de Ensino Médio em fazeres dissociado da compreensão da amplitude da tarefa formativa nesse momento da vida dos jovens e, principalmente, dissociados dos sujeitos jovens que muito têm a dizer de si, dos seus sonhos, dos seus projetos, dos seus saberes. (MOLL; GARCIA, 2014, p.08).

O Estado do conhecimento sobre Juventude e Escolarização, coordenado por Sposito, analisado através do estado do conhecimento realizado de 1980-1998, apresenta dados relevantes da época, na qual contribuíram para as mudanças pertinentes atuais nas políticas públicas e legislação brasileira. No texto “Juventude e Escola”, Dayrell (2002) identificou uma sociedade desigual, uma escola excludente, que pouco contribui para a formação integral dos alunos.

Além disso, o autor aponta em uma entrevista a convite do Centro de Referências em Educação Integral (2015), a necessidade dos jovens serem vistos como sujeito sociocultural, deixando de ficar submisso na figura de aluno:

A ideia é considerar o jovem para além de ser aluno. Isso tem sim a ver com as demandas do projeto de vida. Esse jovem que está no ensino médio não é um receptor passivo de informações e disciplinas, não é só um cérebro, é um corpo, uma totalidade. A escola não pode reduzir a pensar só a dimensão da transmissão de conhecimento.

A partir das leituras na íntegra deste conjunto de pesquisas, encontradas nas edições da ANPED SUL, é possível trazer perspectivas novas e abrir um debate no âmbito da temática aqui proposta nos processos educacionais dentro

das instituições escolares. Fomentada por esses detalhes, sinto-me desafiada a transitar por essas contribuições dos pesquisadores, percebendo a rede de significados construída em cada pesquisa.

Devido à ausência de estudos sobre os jovens e o Ensino Médio, no período de 1998 até 2002, analisou-se as produções na ANPED SUL a partir da edição de 2004, pois a primeira contribuição surge no ano supracitado. Nesta pesquisa, Goedert (2004), destaca em seus estudos uma pesquisa com os jovens escolares do Ensino Médio da escola pública (Curitiba-PR), busca reconhecer os caminhos que demarcam o cotidiano do jovem escolar e identifica algumas das relações desses jovens com a cultura escolar. Também é neste estudo que surge a Juventude como categoria, para a autora

A juventude deixou de ser um estágio da existência, definido, atemporal e, para ser delimitado como categoria, é entendida como um conjunto de atitudes. [...] As atitudes jovens, o comportamento jovem, a postura jovem apresentam-se então como a fronteira desta categoria, arrastando para ela multidões de “mais velhos” e “mais jovens”. (GOEDERT, 2004, p. 05).

Diante disso, o aumento de produções tendo a juventude como objeto de investigação, começa a ganhar espaço nas edições seguintes. É notório afirmar que as produções mais densas estão presentes nos últimos anos deste período, a partir de 2008 as produções crescem consideravelmente como mostra a Tabela 1 acima. Tal crescimento se deve:

[...] a presença dos jovens nas lutas por direitos articulados tem cultivado a consciência política da juventude. Estão presentes como sujeitos políticos na diversidade de movimentos sociais e na diversidade de mobilizações recentes por lutas populares, por melhoria de vida, por outras políticas públicas, por outro projeto de sociedade. Os jovens se mobilizam como atores políticos centrais. (ARROYO, 2014, p.171).

Consequentemente, as mudanças na legislação educacional brasileira se tornaram necessárias e os estudos como de Sposito (2002), Dayrell (2008), Carrano (2010) e Pais (2003), enfatizando o jovem como sujeito histórico, social e cultural, atenuaram o protagonismo juvenil na sociedade.

Em breve, apresento um quadro construído com os nove artigos encontrados no portal da ANPED SUL com as seguintes informações: título do artigo, nome do autor, instituição, ano, palavras-chave, grupos de trabalhos/eixos. Estes artigos foram selecionados a partir da identificação de categorias como juventude, relação entre alunos e professores em contextos escolares no Ensino Médio.

O Quadro 2 aponta os diferentes direcionamentos que os pesquisadores usam para nortear suas pesquisas. Se observarmos, os estudos sobre Juventudes enquadram-se em diferentes grupos de trabalho ou eixos temáticos.

Os eixos temáticos vêm ganhando mais destaque. Constata-se o crescimento dos eixos temáticos, numa análise em cada edição. Entre eles, no ano de 2014, o grupo de trabalho Ensino Médio é criado, grupo que antes estava associado à Educação e Movimentos Sociais, Sociologia da Educação, entre outros.

4 AS JUVENTUDES TEMATIZADAS NAS EDIÇÕES DA ANPED SUL

Numa perspectiva de sinalizar os diferentes fenômenos investigados, pressupondo que o processo de pesquisa não só possibilita a construção de novos conceitos, mas a reconstrução de significados e novas compreensões, muitos e diferentes caminhos podem ser seguidos nesse processo.

De fato, os temas de cada pesquisa apontada no Quadro 2, contribuem nas análises

Artigos associados ao binômio Juventude e Ensino Médio (1998-2014)

Título do artigo	Autor	IES	Ano	Palavras-chave	GTS (Grupos de trabalhos)
1. O Jovem e o ser sujeito histórico- social	Rosicler Goedert	UFPR	2004	Juventudes, sujeito social, escolar	Não consta.
2. Um estudo sobre política e gestão educacional a partir do olhar da juventude	Berenice Corsetti Elisete Enir Bernardi Garcia	UNISINOS	2006	Juventude, Espaço-Tempo Escolar, Ensino Médio, Política e Gestão Educacional	Eixo: Políticas Públicas e Gestão Educacional
3. Os sentidos da escola para jovens da região metropolitana de Porto Alegre: a arte da escuta em grupos de diálogo	Nilda Stecanela	UFRGS	2006	Jovens, escola	Eixo: Educação e Movimentos Sociais
4. Subjetividades juvenis e a escola de Ensino Médio: territórios em reconstrução	Adriano Machado Oliveira e Elizete Tomazzetti	UFSM	2008	Ensino Médio, subjetividades juvenis	Eixo: Educação Básica
5. Jovens e escola: uma instituição com múltiplos sentidos, novos atores e grandes desafios	Vitor Schlickmann	UFSM	2010	Juventude, Ensino Médio	Eixo: Sociologia da Educação
6. Sobre pesquisas com jovens alunos de Ensino Médio	Nara Vieira Ramos; Elisete Tomazetti; Sueli Salva; Vitor Schlickmann	UFSM	2012	Jovens, Ensino Médio	Grupo: GT03 Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos
7. Sentidos da experiência escolar de jovens estudantes de Ensino Médio da cidade de Caxias do Sul- um olhar crítico em relação à escola.	Vitor Schlickmann	UFSM	2012	Juventude, Ensino Médio	Grupo: GT14 Sociologia da Educação
8. Os/as jovens e os frágeis vínculos com a escola de Ensino Médio	Ethiana Sarachin da Silva Ramos; Sueli Salva	UFSM	2014	Jovens, Ensino Médio	Eixo: Ensino Médio
9. Os sentidos da experiência escolar para jovens- um estudo em três escolas de Ensino Médio	Vitor Schlickmann	IFRS	2014	Juventude, Ensino Médio	Eixo: Ensino Médio

Fonte: ANPED SUL- <<http://www.portalanpedsul.com.br/>>

conceituais sobre Juventude, Escola e as relações construídas entre jovens e professores, também, emergem em narrativas referenciadas pela comunidade acadêmica.

Em relação ao conceito sobre Juventude, dentre as produções de conhecimento encontradas no Quadro 2 destaco o artigo de Rosicler Goedert (2004) pois “a juventude deixou de ser um estágio da existência, definido, atemporal e, para ser delimitado como categoria, é entendido como um conjunto de atitudes.”

No artigo de Corsetti e Garcia (2006), as autoras afirmam que “a juventude não é só unidade, mas também diversidade e que precisamos olhar a juventude para além da aparente unidade, buscando transpor este olhar também para sua diversidade”.

Para Schlickmann (2010), “a juventude entendida como uma categoria social, mais que uma faixa etária ou uma classe de idade, em seus limites cronológicos (13-20, 17-25 e 15-21), ela é, antes de tudo, uma representação sociocultural e uma situação social”. Diferentes contribuições ampliam o conceito de juventude, pois é possível perceber o quanto este conceito perpassa por diferentes mudanças, assim como as teorias, também os conceitos são paradoxos. Conforme Pais (1990):

Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista). (1990, p.140).

Numa perspectiva sociológica são enunciadas duas compreensões teóricas para

conceituar a temática: a corrente geracional e a corrente classista, que o autor define em suas produções. **A corrente geracional conceitua Juventude a partir do determinado biológico, que seria a definição de um período cronológico da vida do indivíduo, com a mesma faixa etária de idade, visão de mundo, interesse, entre outras características que os diferenciam dos demais grupos. Já a corrente classista questiona a singularidade do conceito de Juventude e propõe um olhar diferenciado deste fenômeno de acordo com a heterogeneidade das trajetórias individuais.**

Pais (2003) identifica que os jovens se mostram muito mais complexos, podendo conter aspectos tanto geracionais como classistas, articulando as duas correntes, no intuito de compreender de uma forma mais dinâmica, real e concreta.

Nesta lógica, percebe-se que a juventude não está mais ligada apenas a uma geração, como as juventudes do passado. Nas palavras de Stecanela (2010) por muito tempo a juventude foi associada à metáfora da passagem, da transição, do tempo de preparação para a vida adulta, tendo por base que as idades da vida eram cristalizadas em torno da ideia de geração.

A Juventude é mais que uma categoria social, carregada imensamente de complexidade e diversidade. Observa-se também que não existe apenas uma juventude, mas sim inúmeras juventudes que precisam ser levadas em conta, relacionadas à sua origem social, seu gênero, sua raça, sua cor, sua religião, dentre outras, respeitando-as nos contextos que estão inseridas.

O papel da instituição escolar também é investigado nos estudos dos autores apontados no Quadro 2. A escola, enquanto provedora de conhecimentos, habilidades e capacidades formais, enriquece seu papel também quando é constituída de atitudes, interesses e principalmente socializadora em seus espaços, mas pode apontar diferentes funções. Nas palavras de Caliman:

A escola de hoje assume funções sociais que no fundo seriam próprias da família e da sociedade. A ela atribui-se não somente os processos de

ensino-aprendizagem, mas, cada vez mais, delega-se a solução de grande parte dos problemas sociais dos alunos. A Pedagogia Social se propõe a fazer a ponte entre os processos de ensino-aprendizagem e a dimensão sóciopedagógica. (CALIMAN, 2010, p. 341).

Segundo Sacristán e Gómez (2001), os autores consideram a escola com inúmeras funções. Primeiro, a escola apresenta uma função reprodutora como modo de garantir a reprodução social e cultural, como requisito para sobrevivência da sociedade. Segundo, tem uma função educativa de modo a utilizar o conhecimento para compreender as origens das influências, seus mecanismos, intenções e consequências, e oferecer, para debate público e aberto, às características e efeitos para o indivíduo e a sociedade desse tipo de processo de reprodução. E por terceiro, apresenta uma função compensatória: atenuar, em parte, os efeitos da desigualdade e preparar cada indivíduo para lutar e se defender, nas melhores condições possíveis, no cenário social.

Nessa lógica, a escola apresenta-se como uma instituição central na vida dos jovens quando demonstra inúmeras funções para eles, e sua importância não apenas agregada ao processo de ensino e aprendizagem, relacionados ao currículo escolar, mas também quando os reconhece como sujeitos históricos e sociais. Segundo Charlot:

Como espaço privilegiado de socialização, a escola parece cumprir, então parte da missão que está na sua origem, [...] Mas é importante também perguntarmos que conhecimentos os jovens aprendem na escola no que se refere à vida coletiva, à cidadania, que atitudes, normas, valores a escola ensina? (2001, p.45).

Considerando, principalmente, as colocações dos próprios jovens em relação à escola, embora os pesquisadores, que compõem o estado

da arte referido nesse estudo, mencionem ora suas afirmações, ora cite diretamente o que os jovens pensam sobre a escola, é possível mostrar que a relação do jovem com a escola nem sempre assume um mesmo significado. Nessa perspectiva, Dayrell (2006) aponta que a escola é polissêmica, ou seja, tem uma multiplicidade de sentidos, o que implica levar em conta seu espaço, seus tempos, suas relações que podem estar sendo significados de forma diferenciada. No trecho abaixo Schlickmann aponta que:

[...] a escola enquanto instituição responsável pela socialização e instrumentalização para o mundo do trabalho e da cidadania – como é saliente no arcabouço político nacional e legal – parece que requer uma hegemonia, a qual “produz” a tendência de pensar os jovens apenas em relação aos seus processos de aprendizagem típicos de escolarização.” (SCHLICKMANN, 2012, p. 03).

Além do ir à escola para aprender, os jovens querem encontrar uma instituição da qual eles gostem, que valorize a sociabilidade, o encontro, o respeito pelo seu tempo, um lugar de fazer amizades, de convivência, de aprender e discutir coisas da vida. A pesquisadora Goedert (2004) aponta que a escola, enquanto lugar de práticas contraditórias, não pode se opor a compreender os processos que ocorrem em sua vida diária, consequentemente na dinâmica cultural da escola.

Stecanela (2006) afirma que é perceptível que os jovens atribuem um sentido projetivo à escola e se apropriam do saber escolar de forma instrumental, mas, ao mesmo tempo, usufruem os seus tempos e os espaços como possibilidade para exercerem suas sociabilidades, para sedimentarem suas identidades e para se instrumentalizarem para o ingresso na vida ativa.

Os pesquisadores citados no Quadro 2 aproximam suas ideias quando buscam, nas instituições escolares, discutir diferentes usos e significados que lhe são atribuídos, como o

conceito de socialização. Sancristán e Gomez (2001) consideram que o objetivo básico e prioritário da socialização dos/as alunos/as na escola é prepará-los para sua incorporação no mundo do trabalho. E repensando as funções do processo de socialização da escola, a vida dos jovens, em qualquer grupo ou instituição social, adentra por diferentes caminhos, carregados por interações, ideias, valores e interesses, dentre outros conflitos de atitudes que podem levar a conquistas sociais através dos posicionamentos desvelados de suas ideias.

Com este objetivo, deve-se substituir a lógica de que a escola permanece em uma tendência conservadora, reprodutora de comportamentos; porém, advinda de provocações que possam reconstruir seus espaços, respeitando os jovens estudantes nas suas vivências, participações ativas e críticas.

Faz-se um paralelo em relação aos posicionamentos destes autores apresentados no Quadro 2 em relação às instituições escolares, visto que o olhar dos alunos presente na análise dos dados dos estudos publicados nas edições da ANPED SUL, alerta os educadores no sentido de atentar-se às respostas sobre o que pensam sobre suas escolas dentro dos contextos inseridos.

O artigo de Ramos (2014) apresenta que, nos discursos dos jovens estudantes participantes da pesquisa, existe uma falta de preocupação da escola pelos mesmos. Parece que não são mobilizados para a atividade intelectual, e o que mais importa é estar na escola, passar de ano e elevar os índices. Ainda revela uma incapacidade de acolher jovens excluídos da própria sociedade.

Já nas conclusões do artigo de Schlickmann (2014, p. 12), citado anteriormente, “[...] os jovens estudantes na Cidade de Caxias do Sul se apoiam em um forte sentimento de utilidade dos estudos, ou em vista dos projetos de futuro, seja para dar continuidade a eles, ou para se inserir no mundo do trabalho”.

Diante do exposto, observa-se que há contradições na forma como os jovens se narram, vistos por diferentes ângulos: ora eles sinalizam perspectivas positivas da escola, veem oportunidades futuras em suas vidas profissionais

– ainda que existam lacunas em suas funções, a escola é vista de maneira oportuna e compensatória para eles -, ora eles manifestam anseios, angústias e desinteresse por estar em qualquer atividade escolar.

Outro aspecto destacado pelos autores citados no Quadro 2, são as relações constituídas entre os jovens e os professores, devido à tamanha importância da figura do professor no pensamento dos jovens estudantes, necessita-se olhar para as relações construídas no processo educativo. Logo, averiguar qual imagem está se constituindo na figura do professor, possibilitará analisar quais significados possuem na vida dos jovens.

Um olhar panorâmico para os artigos publicados aponta a existência de várias percepções em relação ao que pensam e ao que narram os professores. Corsetti e Garcia (2006) afirmam que os professores têm uma visão restrita sobre espaço e tempo escolar, que faltam na escola instrumentos concretos para que se desenvolva um trabalho mais envolvente com os jovens, e que não toleram, por parte dos jovens estudantes, a irresponsabilidade, a dependência dos adultos, o descuido com a vida, a acomodação, o descaso com os acontecimentos do cotidiano.

A pesquisa de Oliveira (2008) demonstra uma possibilidade de os professores, diante de reflexões importantes, as quais solapam suas antigas certezas, repensarem sobre “quem são” seus alunos, “de que forma” eles pensam e interagem e sobre “como” eles dão significado a suas ações e ao próprio espaço escolar.

No conjunto dos trabalhos, verifica-se uma crítica aguçada na forma de como os jovens veem os professores e vice-versa, ambos buscam culpabilizar uns aos outros pela falta de reconhecimento de suas categorias. Por um lado, os jovens querem que seus professores os percebam como sujeitos críticos, criadores das suas próprias expressões e suas culturas; por outro lado, estão os professores que relatam necessitar de expectativas mais concretas dos jovens, e que a escola possibilite espaço e tempo para desenvolver atividades envolventes.

Stecanela (2006) indica pistas ao formular que a arte da escuta pode ser um bom começo para a escola aproximar os múltiplos sentidos que ela assume nas culturas juvenis, e ter parte na ação. Refere que a ação está vinculada ao fazer, ao tomar iniciativa ao protagonizar a cena, ao expressar os sentimentos, ao organizar e explicitar os pensamentos.

Os sentidos atribuídos às instituições escolares pelos jovens são inúmeros, alguns enxergam como perspectiva de acesso ao conhecimento, experiências culturais, passaporte para continuidade nos estudos e oportunidades profissionais.

Outros denotam uma vivência obrigatória, acumulada de sentimentos de exclusão, injustiça, desconectados do espaço escolar. Percebe-se um distanciamento entre o jovem e as relações significativas em estar na escola.

Independentemente dos contextos escolares, percebe-se uma lacuna nas relações entre os jovens e os demais atores pertencentes aos espaços escolares. Schlickmann (2014, p. 14), nas considerações finais de seu artigo, cita “O desafio está posto e a necessidade de ampliar o diálogo com os jovens do Ensino Médio exige a tomada de posição que esses não são meros adolescentes, mas sujeitos e cidadãos”.

Não restam dúvidas de que é necessário oportunizar um diálogo emergente entre todos que participam do processo educativo, porém, sucessivamente, colocam-se outras prioridades, como os conteúdos, as avaliações, as aprovações ou reprovações. Assim, as experiências, as linguagens e a heterogeneidade das culturas juvenis não ganham um espaço para trocas sociais, nas quais possam representar múltiplos sentidos no processo educativo, tornando-se reflexivos em tempos de mudanças.

Os estudos de Tomazetti et al. (2014), informam algumas possibilidades já existentes nos contextos do Ensino Médio e que indicam sinais de mudança:

Não são poucos os pesquisadores que

defendem uma posição docente mais aberta para o diálogo e para o intercâmbio de vivências, como possibilidade de construção de um Ensino Médio mais próximo das necessidades juvenis. Assim apostam nos diálogos informais entre os alunos e professores como elementos-chaves para que a escola se transforme em um local mais prazeroso para o aprendizado, bem como para a convivência. (2014, p. 23).

Além do mais, os jovens carregam consigo suas histórias pessoais, seus conflitos dentro e fora do âmbito escolar. Quanto a esse assunto, Caliman (2010) afirma que a realidade dos alunos, marcada pela desigualdade social e por problemas de diversos gêneros como a violência, drogas, atingem a escola por dentro e por fora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado da arte proporcionou reflexões acerca da inserção do jovem em diferentes instituições escolares, considerando as interrogações deixadas pelos autores desta compilação de dados e suas contribuições.

Vale destacar que os dados do estado da arte do qual trata este texto, mostram perspectivas relevantes sobre quem são os jovens estudantes inseridos no cotidiano escolar, o que pensam sobre suas escolas e quais relações estão construindo com seus professores na região sul do país. Como resultados, percebem-se as dificuldades dos jovens em dialogar com todos aqueles que participam do processo educativo, e a relevância dada por algumas instituições escolares com conteúdos excessivos, avaliações, aprovações e reprovações, durante suas transições no Ensino Médio, em detrimento da consideração do jovem como sujeito sociocultural e os sentidos que os mesmos atribuem à experiência escolar.

As juventudes, assim como as instituições escolares têm seus contornos próprios em diferentes contextos, redes de ensino e espaços nos quais estão inseridos. A possibilidade de analisar as narrativas dos pesquisadores e dos próprios jovens no âmbito dos artigos que foram localizados no estado da arte, sinalizou contribuições significativas para todos os profissionais envolvidos no cenário

educacional, principalmente no enfoque de uma educação centrada nos alunos, menos do que nos jovens, e na socialização dos mesmos.

Particularmente, nestas últimas décadas em que se registram os principais avanços nas produções sobre as juventudes e o Ensino Médio, pautados não somente nos títulos, mas igualmente nas palavras-chave, o que permite fazer relações com o quanto o Estado do conhecimento coordenado por Marília Sposito mobilizou agendas de pesquisa com olhar voltado para a relação Juventude e Escola, assim como as legislações nacionais.

A juventude é produto de um outro momento histórico, sem dúvida, permeia por distintos contextos, no entanto, a escola precisa mudar e reencontrar seu lugar como uma instituição acolhedora e aberta ao diálogo com os sujeitos que nela estão inseridos, também, necessita encontrar um lugar próprio de construção e participação, que permita a expansão das potencialidades humanas e a emancipação do coletivo: construir a capacidade de reflexão por meio das vozes juvenis que constituem os espaços escolares.

Finalizando, recorro a Freire (1980, p. 23), para quem “o diálogo é um encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio. Documento Base. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em: 04/02/15.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 17/01/15.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador**. Revista de CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO - UNISAL - Americana/SP - Ano XII - Nº 23 - 2º Semestre/2010, p. 341-368.

CHARLOT, Bernard (org.). **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CORSETTI, Berenice; GARCIA, Elisete Enir. **Um estudo sobre política e gestão educacional a partir do olhar da juventude**. Artigo publicado no VI Seminário de pesquisas em Educação da Região Sul: “Pós- Graduação em Educação: novas questões”, 6, 2006, Universidade de Santa Maria.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares: sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. **A escola faz as juventudes?** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 25/02/15.

_____; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L.(orgs.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FERREIRA, Norma S.A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. EDUCAÇÃO & SOCIEDADE, ano XXIII, n. 79, ago. 257-272, 2002.

_____. **Conscientização**. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980, p. 15 -25.

GOEDERT, Rosicler. **O Jovem e o ser sujeito histórico-social**. Artigo publicado no V seminário de pesquisa em educação da Região sul: “Pesquisa em educação e compromisso social”, 5, 2004, Pontifícia Católica do Paraná.

GOMES, Candido Alberto. VASCONCELLOS, Ivar Oliveira de. LIMA, Diogo Acioli. **Juventude: se correr o bicho pega**. Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico. Brasília, v.17, n.1, jun, 2012.

KRAWCZYK, Nora. **Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje**. Cad. Pesqui. vol. 41, n. 144. São Paulo Sept./Dec. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/>>

v41n144a06.pdf >. Acesso em: 25/02/2015.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **Pedagogia Social no Brasil**: políticas, teorias e práticas em construção. Artigo publicado no Anais do XI Congresso EDUCERE/ III Encontro Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/PAL010.pdf> Acesso em: 06/03/2015.

OLIVEIRA, Adriano Machado; TOMAZZETTI, Elizete Oliveira. **Subjetividades juvenis e a escola de Ensino Médio**: territórios em reconstrução. Artigo publicado no VII Seminário de pesquisa em educação na Região Sul: pesquisa em educação e a inserção social, 8, 2008, Itajaí.

PAIS, Machado José. **A Construção Sociológica da Juventude**: alguns contributos. ANÁLISE SOCIAL. vol. XXV, 105-106, 139-165, 1990.

PAIS, Machado José. **Notas Preambulares**. Parte I. In: PAIS, Machado José. CULTURAS JUVENIS. 2. ed. Lisboa, 2003.

RAMOS, Ethiana Sarachin da Silva. **Os/as jovens e os frágeis vínculos com a escola de Ensino Médio**. Artigo publicado no X Seminário de pesquisa em educação na Região Sul, 10, Florianópolis, 2014.

SACRISTAN, Gimeno José; GÓMEZ, Perez Angel I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre. Artmed, 2001.

SCHLICKMANN, Vitor. **Jovens e Escola**: Uma Instituição com múltiplos sentidos, novos atores e grandes desafios. Artigo publicado no Anped Sul 2010 - Formação, Ética e Política: Qual Pesquisa? Qual Educação?, Anais do VIII encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul Anped Sul, 2010. Londrina - PR. 2010,

_____. **Sentidos da experiência escolar de jovens estudantes de ensino médio da cidade de Caxias do Sul**: um olhar crítico em relação a escola. Artigo publicado no IX ANPED SUL: Seminário Pesquisa em Educação da Região Sul: A Pós-Graduação e suas Interlocuções com a Educação Básica, Caxias do Sul, 2012, v. 1, p. 1.

_____. **Sentidos da experiência escolar para**

jovens do ensino médio: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS. Artigo publicado no X ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Florianópolis 2014, v. 1, p. 1.

SPOSITO, Marília FP. (Coord.). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Série Estado do Conhecimento, INSS 1676-0565, n. 7. Brasília: MEC/Inep/ Comped, 2002.

_____. Juventude e Escola. In: SPOSITO, Marília Pontes (org.). **O estado da arte sobre juventude na Pós-Graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. (1999-2006), v. 1, Belo Horizonte, Argvmentvm, p. 57-126. 2009.

STECANELA, Nilda. **Os sentidos da escola para jovens da região metropolitana de Porto Alegre**: a arte da escuta em grupos de diálogo. Artigo publicado no Seminário Pesquisa em Educação da Região Sul, Santa Maria, 2006.

_____. **Jovens e Cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. Rio Grande do Sul: Educus, 2010.

_____. (org.). **Diálogos com a educação**: a escolha do método e a identificação do pesquisador. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

TOMAZETTI, Elisete. Medianeira; RAMOS, Nara Vieira; SALVA, Sueli; SCHLICKMANN, Vitor. **Sobre pesquisas com jovens de ensino médio**. Artigo publicado no IX ANPED SUL: Seminário Pesquisa em Educação da Região Sul: A Pós-Graduação e suas Interlocuções com a Educação Básica, Caxias do Sul – RS, 2012, v. 1. p. 1.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira (org.). **Os sentidos do Ensino Médio**: olhares juvenis sobre a escola contemporânea. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.